

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ . 170 anos

REALIZAÇÃO:

Polo Caravelas Brasil/PPGM-UFRJ

Caravelas/CESEM/Universidade Nova de Lisboa

Escola de Música da UFRJ

APOIO:

Academia Brasileira de Música

Grupo de Pesquisa Africanias da UFRJ

EVPM-UNESP

II CONGRESSO
INTERNACIONAL

A Língua
PORTUGUESA
em **MÚSICA:**
Diálogos

4 a 6
abril
2018

Atas

ISSN 3051-651X



Atas do

II Congresso Internacional

**“A Língua Portuguesa em Música:
Diálogos”**

Alberto José Vieira Pacheco

Daniela da Silva Moreira

(editores)

Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira

CESEM, NOVA-FCSH

2025

© Os autores (citados nos respectivos textos).

Lisboa, 2025.

Publicação eletrônica disponível em:

<https://nucleocaravelas.wixsite.com/meusite/atas>

Citar como: II Congresso Internacional “A Língua Portuguesa em Música: Diálogos”, 2018, Rio de Janeiro. **Atas [...]**. Lisboa: Caravelas, 2025. ISSN: 3051-651X

No falar manauense não se registra nenhuma ocorrência de [l] antes de [i], comum na região nordeste do Brasil; tal fonema é substituído por [λ]: galinho, galhinho - [ga'λĩU]; velinha, velhinha - [vɛ'λĩɐ].

O mesmo ocorre com o velar nasal sonoro que substitui o [n] antes de [i] como em banido [bapidu] e maninho [mãɲĩU].

Novas observações: Tal variante linguística permanece com as mesmas características acima descritas, porém recentemente constatamos alguns fenômenos importantes que não foram observados no trabalho apresentado na UNESP em 2005. Observe o [λ] da palavra Manelinho - [mãɛλĩU]. A união do lateral velar sonoro com o nasal final forma um ditongo nasal decrescente.

Observe a seguinte frase “vamos dar”- [‘vamuʒ ‘da]. O [s] final ou antes de [t] é naturalmente o [ʃ] [‘vamuʃ ‘toduʃ]. Contudo antes de [d] ele se torna o fricativo palatal sonoro [ʒ].

Palavras-chave: Canto. Português cantado. Pronúncia manauense. Canção amazônica. Ciranda de Manaus.

Salvini: viagem musical à vida desconhecida de um artista extraordinário

Tânia Valente

CESEM – NOVA FCSH

Resumo:

O nome de Gustavo Romanoff Salvini ainda é desconhecido para muitos musicólogos, e sua vida também. No geral, sabe-se que foi cantor, professor de canto, compositor, que é autor de uma obra chamada *Cancioneiro musical português* e outra chamada *As Minhas lições de canto: método Vaccai para uso dos portugueses*. Muitos especulam a sua ligação à família imperial russa, por conta do nome “Romanoff” (na verdade, nunca comprovada). Aos poucos, começa-se a reconhecer o seu papel pioneiro ao pôr em música textos de autores portugueses, numa tentativa de criar o “*kunstlied*” português. Também sua visão do ensino do canto, que fazem dele um professor à frente do seu tempo, continua a ser divulgada.

No entanto, o talento artístico de Salvini extravasava para outras artes, que não só a Música. O mesmo acontecia com o seu conhecimento científico. E mesmo não sendo

quicá um Romanoff, a vida de Salvini não deixa de ser fascinante e fantástica, tendo dela feito parte grandes personalidades do século XIX, da música, da literatura, da fotografia e da vida do Porto oitocentista. Mas a faceta mais extraordinária da vida de Salvini terá sido a sua luta pela causa da língua portuguesa no canto lírico. Morreu pobre, foi sepultado numa “gruta” carregada de simbolismo alquímico e deixou descendência em Portugal e no Brasil. Porém, até ao fim dos seus dias, não perdeu a esperança de que no futuro as lutas, martírios, desalentos de um artista visionário em prol de uma reforma do ensino do canto e da música portuguesa seriam finalmente reconhecidos.

Esta apresentação (em filme) constituiu uma viagem ao mundo de Salvini, tendo como pano de fundo os lugares por onde passou, do Porto à Polónia, embalados pelo som da sua música.⁷¹

Palavras-chave: Salvini. Música portuguesa. Canto. Romantismo. Rosa-Cruz.

Dos primeiros anos até à chegada a Portugal

Gustav Romanoff Ruzitska nasce em Prauss, antiga Polónia Prussiana, a 25 de Março de 1825. O seu pai foi Johann Ruzitska, magistrado superior de Prauss, e sua mãe Paulina Kreitsky. Em 1845, o jovem Gustav inicia a sua formação em canto em Breslau com a professora Elisa Marochetti. Biografias oficiais dizem que Gustav fugiu da sua terra natal “acossado por perseguições políticas”, cujos motivos se desconhecem.

Segundo o neto, Gustav passa por várias cidades europeias. Em fevereiro de 1846 está em Cracóvia, em outubro em Estenino (ambas na Polónia). Em março de 1847 está em Dresden, doze dias depois em Viena de Áustria. Da sua passagem por Viena, surge como testemunho um desenho datado junho de 1847, onde Gustav está ao piano a tocar um trio de Beethoven, ao lado do violinista Dauer.

A 8 de junho de 1847, o jovem Gustavo chega finalmente ao seu destino, Itália, terra onde pretendia aperfeiçoar os seus estudos como cantor. Em novembro de 1848 é contratado pelo empresário Bonola de Milão para cantar como 1º tenor no Teatro de Reggio di Parma. É neste teatro que “Gustav Romanoff” começa a sua carreira. Uma carta do correspondente de Bonola em Florença, que ouvira cantar Gustavo Romanoff, descreve assim o tenor: “Ele tem uma belíssima voz, canta muitíssimo bem, pronuncia

⁷¹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SE0-Z7AZoc&t=532s> . Acesso em: 25/01/2025.

muitíssimo, é um grande professor e educadíssimo, é um bellissimo jovem e te asseguro que te fará muita honra.”⁷²

Em Itália, Gustav canta como tenor em várias óperas, nomeadamente em *Gemma de Vergy*, ópera de Gaetano Donizetti, no Teatro Apolo de Roma, no papel de “Tamas” e *Chiara di Rosembergh* de Luigi Ricci, no papel de Marquês de Valmore, em Turim.

Enquanto está em Milão, Gustav patenteia em 1857 uma invenção musical, a que dá o nome de “*Machine Melographique*”. Este nome dá a entender tratar-se de uma máquina capaz de representar graficamente uma melodia. Uma declaração da época, descreve-a como uma máquina “muito engenhosa, simples, com um bellissimo o sistema de marcação de tempo (...)” Possui também rolos de papel hidrométrico, porém apresenta dificuldades em conseguir a exata marcação dos sinais entre as linhas das pautas. Diz ainda que “Nos limites daquilo que se pode avaliar de uma máquina isolada, ainda não aplicada ao piano, o autor está convencido de que a máquina terá uma ótima aplicação prática.”⁷³ Desconhece-se qual terá sido o destino ou evolução desta “*machine melographique*”. Porém a existência dela revela sobre Gustav uma faceta desconhecida de inventor, que ganhará outro sentido mais adiante neste artigo.

Prosseguindo a sua carreira pela Europa, Gustavo parte para França. Pensa-se que terá vivido em Paris, na Rua de Santo Honore nº 10. Em França é contratado pela empresa Laneuville, com quem partirá para aquele que seria o seu destino final: a cidade do Porto, em Portugal.

Gustavo Salvini (nome artístico de origem italiana que entretanto adotara) debuta no Real Teatro de São João, no Porto, a 17 de Outubro de 1859, na ópera *Beatrice di Tenda* de Bellini. A seu lado estão as cantoras Sidonia Specchi (soprano-dramático), Luigia Giry (contralto) e Giuseppe Mancuzi (barítono).⁷⁴ Da empresa Laneuville fazia também parte Elisa Hensler (futura esposa consorte do Rei D. Fernando II e Condessa d’Edla). Mas a companhia faliu em dezembro desse ano, retirando-se para Lisboa, junto com a futura condessa.

É neste teatro que um incidente infeliz durante o 2º Ato da ópera *Os Puritanos* de Bellini faz com que Gustavo Salvini perca a sua voz, pondo termo à sua carreira de cantor.

⁷²“... esso ha una bellissima voce, canta benissimo, pronuncia benissimo, è grande professore e educatissimo, ed è bellissimo giovane, è ti assicuro che ti farai molto onore”. Origem: Espólio familiar.

⁷³ Espólio familiar.

⁷⁴ Espólio familiar.

Como foi possível alguém tão talentoso perder a voz assim? A explicação poderá estar na ária “Credessia misera”, com o seu fã sobreagudo, nota acessível a muito poucos tenores.

A vida em Portugal

Impossibilitado de continuar a cantar, Gustavo Romanoff Salvini fixa residência na cidade do Porto. A sua primeira morada terá sido o Hotel Estrela na Praça da Batalha, hoje o Hotel Batalha. Procura ganhar a vida dando aulas de canto, piano, solfejo e até de esgrima.

Como professor de canto, Salvini desenvolve uma carreira muito prestigiada. De entre os seus alunos, contam-se membros da comunidade inglesa, o cantor Maurício Bensaúde (o primeiro cantor português a atuar no MET em Nova Iorque), muitas pessoas de famílias ilustres do Porto, de entre as quais as irmãs Joana e Berta Lehmann. Bertha ainda teve uma pequena mas prestigiada carreira de cantora no Porto. Mas a sua irmã Joana terá sido uma aluna ainda mais especial na vida de Salvini. A ela Salvini dedicou duas canções no seu *Cancioneiro Musical Português*. “Numa palavra” é uma delas e terá sido escrita numa altura em que a visada seria possivelmente solteira, pois o seu nome ainda não tem o apelido de casada. O texto, aparentemente da autoria de Salvini, parece conter com uma mensagem de amor subliminar. Porém Joana viria a casar-se com o empresário João Henrique Andresen. Salvini escreveria então um epitalâmio, um cântico nupcial de natureza religiosa, destinado a reivindicar para os noivos a bênção dos deuses. Esta canção poderá ter sido uma dedicatória de Salvini ao casamento de Joana Lehmann com João Henrique Andresen em 1883. O título da canção é “Oh! Rosas Purpurinas”, com texto do poeta luso-brasileiro Gonçalves Crespo. E deste casamento entre Joana e João Henrique Andresen nasceriam 9 filhos, vários netos, e uma neta muito especial: Joana Lehmann Andresen foi avó da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen.

Olhando para o panorama musical da época de Salvini em Portugal, pode-se dizer que existia um domínio quase total da ópera Italiana sobre qualquer forma de Canto em português. Salvini não entendia o porquê dos portugueses não cantarem na sua língua.

Os dillettanti portugueses gostam de cantar em italiano, do qual às vezes não entendem palavra, e não só não têm remorsos de abandonar a sua língua às cantigas do povo, mas não se aventurariam mesmo a cantar n’ella um romance nos nossos salões e concertos! Ódio, amor, alegria, tristeza (..) a língua sabe-lhes exprimir tudo isto; mas para o canto?...

Em dezembro de 1865 Salvini estreia nos concertos do Palácio de Cristal a sua primeira composição musical conhecida, a toada popular “Anninhas, Anninhas, toma bem cautela”, com poesia de Luís Augusto Palmeirim, o poeta que Salvini mais musicou e então futuro diretor do Conservatório Nacional. O intérprete seria o famoso Ator Taborda. No mesmo ano, Salvini lança o *Romanceiro musical*, uma coletânea de 40 canções, escritas sobre textos em português e, ao mesmo tempo, numa outra língua. Quando elaborou este *Romanceiro*, o objetivo de Salvini era demonstrar que a língua portuguesa possuía qualidades que a tornavam prestável ao canto, através de um estudo comparativo com outras línguas tradicionalmente mais cantadas. Assim, existem no *Romanceiro* canções com textos, por exemplo em português e italiano. Existe mesmo uma canção em 5 línguas. Para Salvini, este carácter poliglota do *Romanceiro* representava “um estudo comparativo, ao alcance das minhas forças para demonstrar que a língua portuguesa não é tão pobre de qualidades fónicas como a priori nos querem persuadir.”⁷⁶ O livro é antecedido de um prólogo, onde Salvini defende a beleza do português e a sua adaptação ao canto, citando os seus grandes poetas:

Se abirmos um livro de Herculano, Garrett. Fernando Castilho, João de Lemos, Palmeirim e d’outros muitos, - coraremos por ver tão enraizado entre os portugueses o prejuízo de que a língua de Camões se não amolda às exigências da voz e está tão longe do idioma de Tasso, que o canto não pode dela tirar partido! Grave preconceito, erro grosseiro que tanto areja as flores do Orpheo Lusitano, sem as deixar abrir e exalar os seus perfumes.⁷⁷

Ao musicar Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, entre outros tantos poetas portugueses, Salvini torna-se no primeiro compositor da História a pôr em música estes poetas e tentar criar a canção de câmara em língua portuguesa.⁷⁸

Na década de 70 Salvini muda-se para o nº 140 da Rua do Almada. Aqui abre uma empresa de fotografia, em conjunto com Joaquim Manuel Simões, com o nome “Salvini & Companhia”. Uma das suas clientes foi a escritora e germanista Carolina Michaelis de

⁷⁵ SALVINI, Prólogo do *Cancioneiro Musical Português*, 1866, p. I.

⁷⁶ SALVINI, Prólogo do *Cancioneiro Musical Português*, 1866, p. I.

⁷⁷ SALVINI, Prólogo do *Cancioneiro Musical Português*, 1866, p. I.

⁷⁸ De sublinhar que, apesar de Salvini ter sido o primeiro compositor a musicar estes poetas, que aqui citamos, existe uma obra de 1853 que ficou conhecida como as “Estreias Poético-Musicais”. Nesta obra vários compositores, de entre os quais Francisco Norberto dos Santos Pinto, musicaram poesia de António Feliciano Castilho. Mas estas foram escritas com o intuito de serem hinos de instrução, e não com a intenção de criar o “Lied” português, como era o caso de Salvini.

Vasconcelos, que foi retratada por Salvini em 1876, na altura do seu casamento com o musicólogo Joaquim de Vasconcelos, também cliente da casa Salvini. Este ficaria na história como um dos retratos mais belos e conhecidos da escritora, quase uma pintura, outras das artes à qual Salvini também dedica o seu tempo.

A empresa viria, porém, a fechar na década de 80 do século XIX. A sua falta de rentabilidade poderá ser justificada pelo facto de no nº 122 da mesma rua do Almada, situar-se a Casa Biel, talvez a mais famosa e prestigiada casa de fotografia do Porto do século XIX. O seu proprietário era o alemão Karl Emil Biel, um negociante, editor e fotógrafo, considerado um dos pioneiros da fotografia e da fototipia em Portugal. Pelas estreitas relações que mantinha com o rei D. Fernando de Saxe Coburgo, Biel tornou-se o “Photographo da Casa Real”. Foi ainda representante de firmas que fabricavam dínamos para a produção de energia elétrica. Uma das suas grandes iniciativas foi levar a iluminação pública a Vila Real. Foi ainda administrador da empresa *Águas do Gerês* e fez projetos para os primeiros carros elétricos.⁷⁹

Biel era homem cientificamente muito avançado para o seu tempo, tal como Salvini. Foi também editor livreiro, e é a primeira pessoa a quem Salvini recorre para o seu novo projeto: uma reedição revista do seu *Romanceiro*, sem o carácter poliglota da edição anterior. Mas o negócio não correu bem. No rascunho de uma carta ao amigo Zeferino, diz Salvini:

No ter-me desligado do Biel, libertei-me de um Vampiro, e fiquei com a liberdade de ação; apesar que isto me tem atrasado um pouquinho e eu ter pressa de completar as 150 assinaturas, contudo não lastimo o facto consumado.⁸⁰

Tal como na vida, Biel partilharia morada com Salvini no cemitério de Agramonte, no Porto. No seu jazigo está uma cruz ladeada de 5 rosas, símbolo que poderá explicar o carácter progressista de Biel, assim como de Salvini.

O Cancioneiro musical português

Na sequência da rescisão com Biel, Salvini procurava desesperadamente uma nova editora, e precisava de 150 assinaturas, para garantir que o livro teria vendas. Para atingir o seu fim, escreveu a várias pessoas importantes da sociedade e do meio musical,

⁷⁹ Fonte: Centro Português de Fotografia: <https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=39711> .

⁸⁰ Espólio familiar.

apelando a que o ajudassem na sua luta pelo “progresso da música em Portugal”. Mas apesar do seu empenho, Salvini não teve um bom acolhimento em todo o lado.

Numa resposta a Carlos Kendall, membro fundador da Sociedade Musical Orpheon Portuense, diz Salvini:

Se penso que vivo numa terra onde o merecimento dos *Lusíadas* não granjeou a Camões mais que o hospital e 300 anos depois um apoteótico centenário nacional, incluindo ainda assim enorme prejuízo do festeiro literário (Biel)⁸¹, e se adicionasse à História Cristóvão Colombo, zombado dos sabichões do seu tempo escarnecido e vilipendiado de 1000 intrigantes, não vejo que uma mui débil esperança que o merecimento do *Romanceiro* possa ser apreciado espontaneamente pelos «verdadeiros amadores para o possuir».⁸²

Ao fim de vários anos de luta, Salvini assina contracto com a Casa David Corazzi de Lisboa. O outrora *Romanceiro* é rebatizado de *Cancioneiro musical português – 40 melodias na língua portuguesa com acompanhamento de piano, letras dos principais poetas portugueses*. Para além de um prólogo da 2ª edição, Salvini acrescenta o texto “Reflexões sobre a arte do canto”. Este texto é muito inspirado no *Grande tratado da arte do canto* de Manuel Garcia, porém é importante por trazer para a interpretação do canto, e em português, uma abordagem científica pioneira em Portugal.

A fim de reunir apoios, Salvini escreve também aos escritores Teófilo Braga e Ramalho Ortigão. Na carta a Ramalho, Salvini apela ao prestígio e relacionamentos do escritor para o apoiar na sua luta em prol da língua portuguesa no canto:

J.J. Rousseau na França, Wieland, Lessing na Alemanha trataram há cem anos, o que hoje constitui a minha iniciativa em Portugal. Entro na arena como um gladiador. "Ave! César ... E de acordo com o Evangelho de São Lucas. *Em manus tuas comendo Romanceirum meum*.”⁸³

Editado o livro, era preciso que as pessoas o comprassem e sobretudo se interessassem pelo trabalho que Salvini fez pela música em Portugal. Não sentindo o apoio que achava que a sua iniciativa merecia, Salvini apela a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente em nome de El-Rei, numa das suas cartas mais emotivas:

⁸¹ Refere-se à edição comemorativa dos *Lusíadas* de Emílio Biel.

⁸² Espólio familiar.

⁸³ *J.J. Rousseau en France, Wieland, Lessing en Allemagne ont traité il y a cent ans, ce qu'aujourd'hui constitut mon initiative en Portugal. J'entre à l'arene comme un gladiateur. "Ave! César.. Et selon l'évangile de St. Luc. In manus tuas comendo Romanceirum meum*. Não traduzimos a última frase, por ser uma citação de uma citação alterada do título da Sonata VII de Haydn, “Pater, in manus tuas commendo spiritum meum”, na qual “spiritum” foi substituído por “romanceirum”. Origem: Espólio de Ramalho Ortigão, Biblioteca Nacional de Portugal.

Implorando a V.A.R. de querer acolher generosamente esta efusão retórica de um homem, cujos anos avançados e precária saúde justificam e desculpam a sua nervosa, embora moderada, impaciência para consolidar a sua obra em prol do seu país adoptivo e da arte musical. Com profundo respeito implorando o que precisa e cuja frágil barquinha se ameaça dobrar, que vegeta uma estéril existência e impede a *Lotusblume* de criar as suas raízes, florescer e dar fruto.

Robustecendo a perdida esperança com o grito da verdade oprimida «e pur se muove,⁸⁴ julga o requerente que a história do desenvolvimento da música em Portugal registará nas suas páginas como corolário e lenitivo póstumo a todos os sacrifício, martírios, lutas, obstáculos e desalentos que tentaram sufocar uma iniciativa que um próximo futuro transformará numa verdade vulgar.

«E pur se muove!» Foi a coluna de fogo que conduziu Gluck e há 100 anos de distância Wagner no mesmo caminho de combate musical (entre intrigas e insinuações) e ambos entraram na terra prometida. A mesma coluna luminosa enfraquece e dissipa a escuridão do meu desalento e reanima-o de insólito vigor, hei-de caminhar através da inacção nacional contando com o auxílio dos homens de boa vontade até que a utopia de hoje seja uma realidade no dia de amanhã.⁸⁵

Noutro rascunho desta carta, Salvini faz uma alusão a Gluck e a Wagner:

Foi a coluna de fogo que conduziu Gluck e a 100 anos de distância Wagner no mesmo caminho de combate musical, através de um mar de intrigas – e ambos entraram na terra prometida, a utopia de hoje será uma realidade no dia de amanhã.⁸⁶

Esta coluna de fogo é uma imagem bíblica de uma coluna que iluminou os hebreus no caminho até a terra prometida. Não se sabe se o rei terá respondido a Salvini, e o facto é que D. Fernando morre em 1885, portanto, ainda que quisesse dar apoio a Salvini, a sua saúde já não o teria permitido possivelmente. Destacaríamos nesta carta o nome de Wagner, nome importante ligado ao lado místico de Salvini.

Depois do *Cancioneiro*, Salvini lança-se numa nova obra, bastante ambiciosa: *As Minhas lições de canto: notas ao Vaccai para uso dos portugueses*. O título remete-nos naturalmente para o Método de Canto de Vaccai, e de facto, esta obra de Salvini contém as peças de Vaccai, mas adaptadas à língua portuguesa.

No entanto, ela contém muito mais coisas. Para Salvini, esta obra seria o seu testamento musical, por isso, ele queria o melhor para ela. Na capa diz que a obra é dedicada ao Príncipe D. Carlos e adotada pelo conservatório (Fig. 9). E aqui temos que fazer um reparo: o método de Salvini não chegou a ser adotado pelo conservatório. Salvini

⁸⁴ Frase do astrónomo Galileu Galilei, referindo-se ao movimento de rotação da Terra em torno do sol.

⁸⁵ Espólio familiar.

⁸⁶ Espólio familiar.

tinha esperança que fosse, e para tal, dirigiu uma carta ao poeta Luís Augusto Palmeirim, que era então diretor do conservatório, explicando que, se este método, o único em vernáculo, fosse adotado pelo Conservatório, ele poderia ser adotado em todo o país.

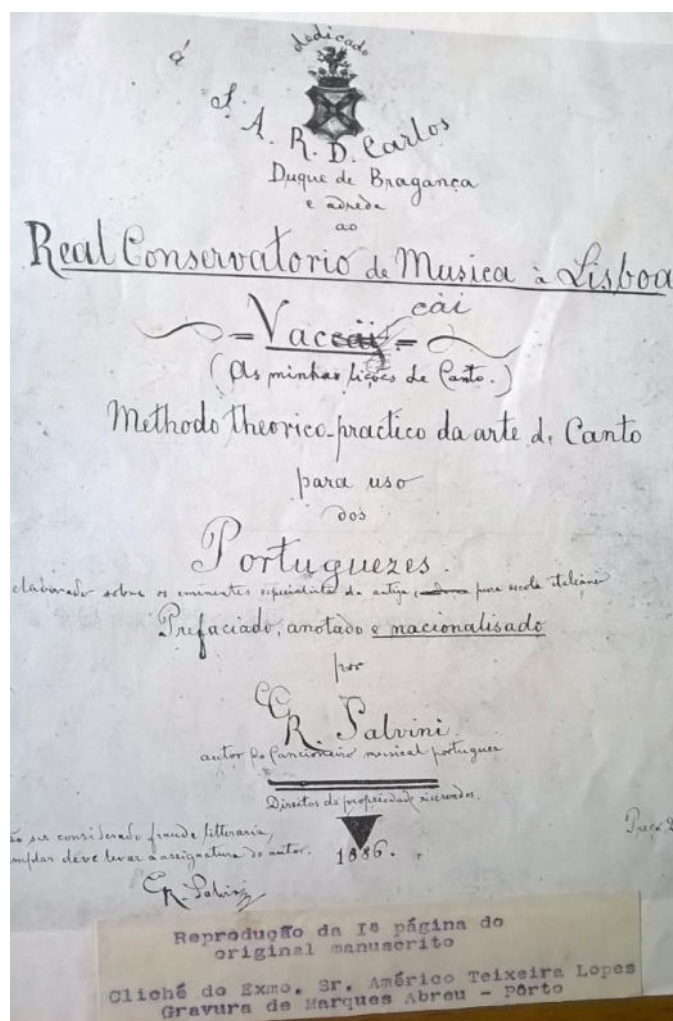


Figura 9: Capa de *As Minhas lições de Canto*, Gravura de Marques Abreu – Porto, espólio familiar.

Na mesma carta, Salvini ainda expôs a Palmeirim as partes que compunham este método, - e que incluíam descrições da anatomia e fisiologia da voz, respiração, timbre escuro/timbre claro, a higiene e o vestuário do cantor etc., - numa tentativa de demonstrar-lhe que se tratava de uma obra complexa e completa. Porém, o seu apelo não teve o acolhimento desejado junto à direção do conservatório.

Olhando para o livro, uma das coisas mais fascinantes são os desenhos anatómicos, de uma grande precisão, que aqui reproduzimos (Fig. 10). Isto demonstra que Salvini tinha um conhecimento científico profundo da voz, comparável ao de um médico.

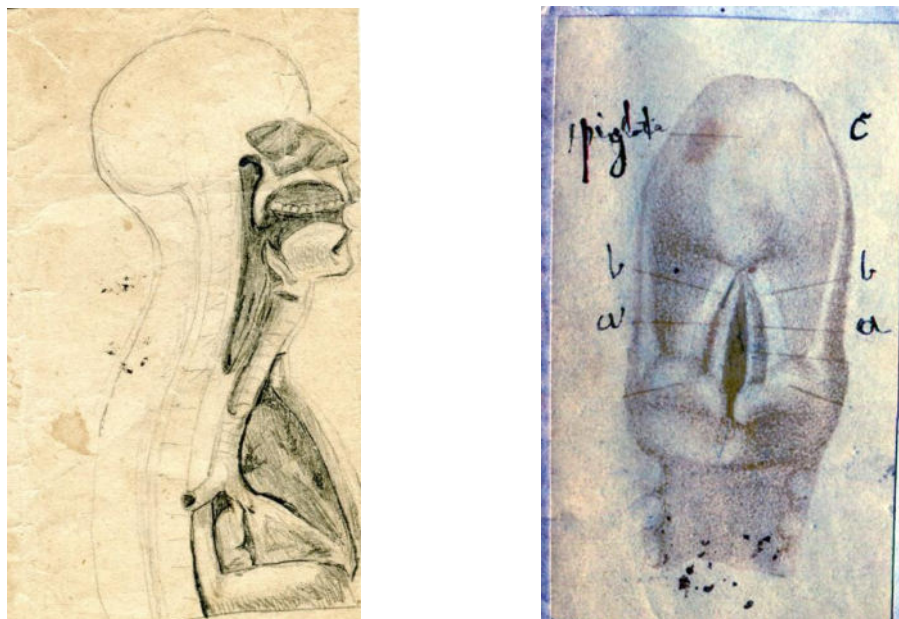


Figura 10: Corte sagital do aparelho respiratório de trato vocal (esquerda) e as pregas vocais + a epiglote (lado direito). Origem: manuscrito de *As Minhas lições de canto*”, espólio familiar.

Para além da parte da anatomia, Salvini queria também fazer um projeto de método prático de pronúncia das palavras portuguesas no canto. Para ele, era indispensável adotar a língua portuguesa desde os primeiros exercícios práticos de silabação, pois “num idioma estrangeiro como hão-de o mestre e o discípulo fazer as suas observações e identificar-se com a estética musical?”⁸⁷

Neste quadro (Fig. 11), Salvini entra no campo da Linguística e faz uma, “classificação das consoantes”, segundo a sua constrição e ponto de articulação, pois para ele esta classificação “tem a mais alta importância no canto”.⁸⁸ E mais uma vez, Salvini volta a ser pioneiro, quer por ter sido o primeiro a tentar sistematizar as regras de pronúncia da língua portuguesa a pensar no canto, quer porque esta obra, com a sua vertente científica e pedagógica, poder ser considerada como o primeiro tratado científico sobre VOZ alguma vez escrito em Portugal, e para uso dos portugueses. Porém, apesar dos esforços de Salvini, ele não conseguiu apoios para publicá-la em vida. Esta obra só viria a ser publicada postumamente em 1931, e bem assim, só parcialmente.

⁸⁷ Salvini, rascunho de “As minhas lições de Canto”, espólio familiar.

⁸⁸ Salvini, rascunho de “As minhas lições de Canto”, espólio familiar.

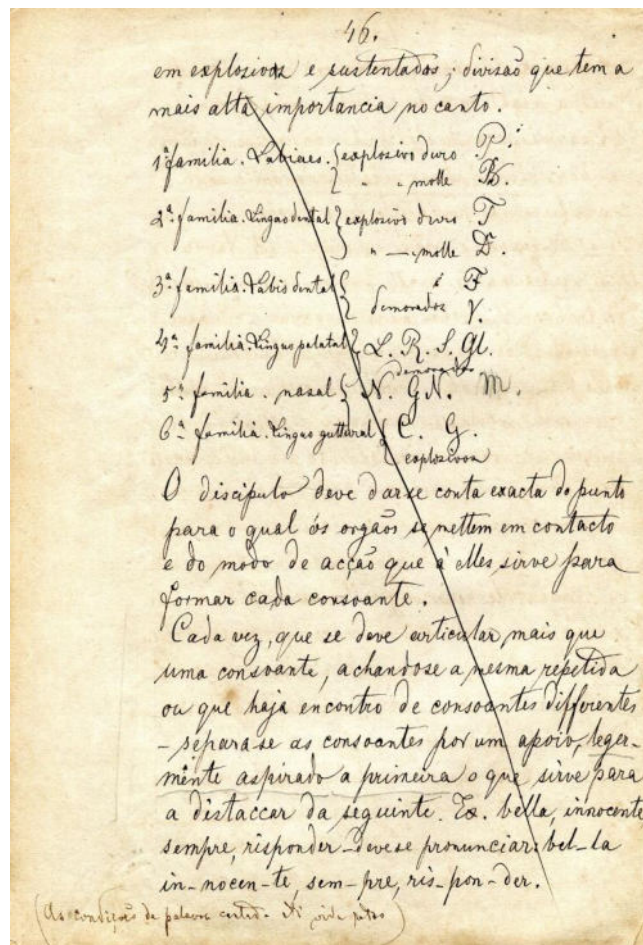


Figura 11: Página manuscrita de *As minhas lições de Canto*, onde se vê o quadro de classificação das consoantes de acordo ponto de articulação e bloqueio à passagem do ar (hoje utilizaríamos as designações oclusivas e constrictivas, ele preferia explosivo duro e explosivo mole).

Outra coisa que torna esta obra extraordinária são os autores que Salvini cita. Nomeando só alguns: Antoine Ferrein, o homem que inventou o termo "cordas vocais", comparando as pregas vocais com as cordas de um violino; Albert Magnus, ou Alberto o Grande, um sacerdote alemão, filósofo, escritor, astrólogo e teólogo católico venerado como santo, que ficou conhecido como “o santo patrono dos cientistas” e também como “o pai da pedra filosofal”, cujo segredo teria entregue ao seu aluno São Tomás de Aquino antes de falecer; Johann Kasper Lavater, pastor, poeta, teólogo, filósofo, entusiasta do magnetismo animal na Suíça, é considerado o fundador da fisionomia; Stephen de la Madeleine, cantor francês, professor de canto e autor de *Théories complètes du chant*, e que era um seguidor de Manuel Garcia, um professor cantor que inventou o laringoscópio em 1854 e tornou-se conhecido como o primeiro professor científico; Christoph Hufeland, físico e patologista alemão e fundador da Macrobiótica (Salvini fala de Hufeland a propósito da alimentação dos cantores, portanto, mais uma vez ele estava

bastante avançado para o seu tempo). A maioria dos autores citados por Salvini, excetuando talvez Garcia e Stephen de la Madeleine, tem uma coisa em comum: um interesse pela Alquimia, ou mesmo uma ligação a organizações secretas, onde a Alquimia era uma prática comum. E aqui entramos no lado oculto ou ocultista de Salvini.

O lado “Rosa-Cruz”

Eis-nos chegados a um lado pouco conhecido ou reconhecido entre compositores, e que apenas contribuem para tornar a figura de Salvini e a sua música ainda mais extraordinária, ao mesmo tempo que justificam o seu lado científico e o seu lado de inventor.

Salvini teria muito possivelmente ligações à Alquimia e à filosofia Rosa-Cruz. Um dos indícios está nos supra mencionados autores, citados na obra *As Minhas lições de canto*. Outro indício está no seu jazigo em Agramonte, no Porto, uma gruta, símbolo associado a rituais iniciáticos. A gruta representa também a morte e ressurreição, não no ideário cristão, mas no contexto da Alquimia. Outra prova, esta mais concreta, encontramos nos seus documentos pessoais, que datam do tempo que passou em Itália, (Fig. 12). Trata-se de uma carta dirigida ao “Signor Romanoff”, que termina com uma enigmática assinatura “Corpus, Anima, Spiriti”, cada palavra ilustrada por um símbolo. Estes símbolos aparecem no VITRIOL, famoso símbolo alquímico, ladeando a frase “Visita interiorum terrarum, rectificando, invenies occultum lapidem” (visita o interior da terra, rectificando-te, encontrarás a pedra oculta/filosofal). Ainda neste documento, aparece a palavra “Zanoni”. Diz-se que o autor do romance *Zanoni* já mencionara a importância de um determinado “manuscrito nos dias de hoje” (de então). *Zanoni* é o título do mais famoso romance ocultista do escritor inglês Edward Bulwer-Lytton (1803-1873), embora o seu nome não apareça na edição original, porque Lytton publicava os seus livros anonimamente.

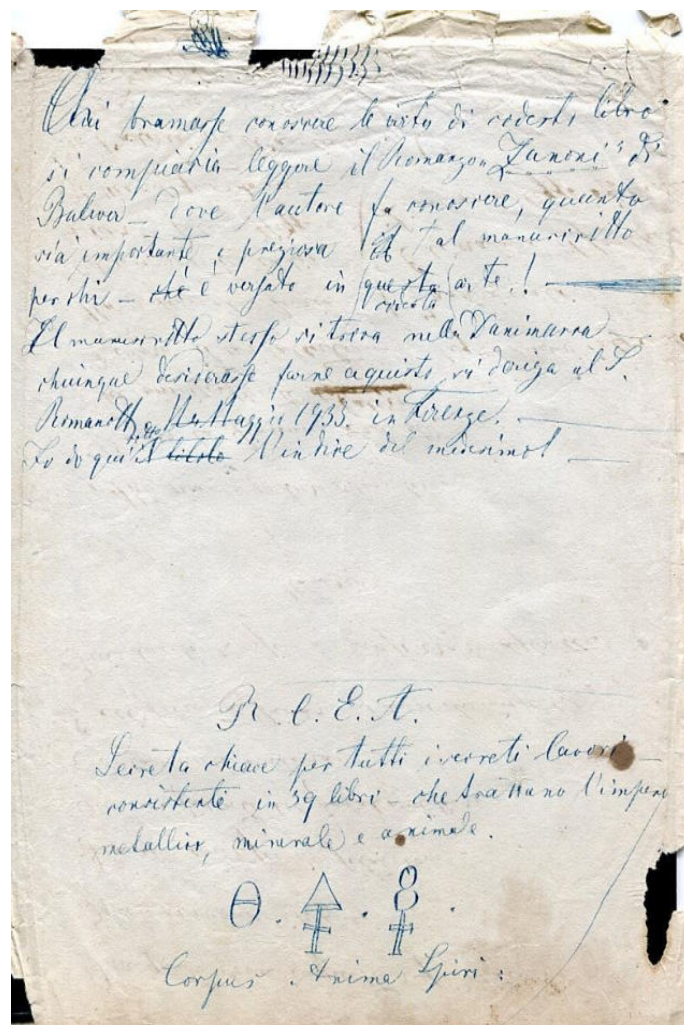


Figura 12: Carta dirigida ao “Signor Romanoff”, onde se destacam os símbolos “Corpus, anima, spiriti”. Espólio familiar.

O livro conta a história de amor entre uma cantora de ópera, Viola Pisani, e um ser imortal, Zanoni, que se vê no dilema de escolher entre o amor e a perda da sua imortalidade e renúncia aos seus poderes espirituais. Pelo meio, o autor fala também do poder da eletricidade e de outros “agentes materiais”. O escritor Lytton terá sido Imperador da Sociedade Rosacruziana em Anglia (1803-1873), a mesma, cuja sigla RCSA (*Rosa Cruce Societa in Anglia* - Sociedade Rosa Cruz em Inglaterra) figura também na figura 12 acima.

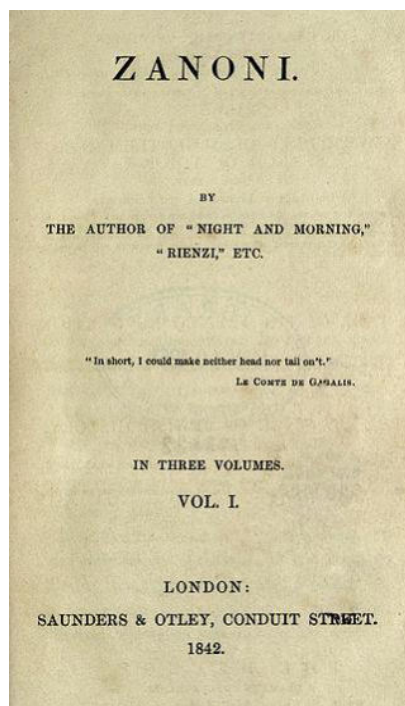


Figura 13: *Zanoni* - a capa de 1842 diz que o seu autor também escreveu *Night and morning* e *Rienzi*, o romance em que Richard Wagner se inspirou para a sua ópera homónima.

Voltando ao bilhete de Salvini, a enigmática assinatura é antecedida de um texto, com a citação do frontispício de *Clavis Artis*, um tratado de Alquimia da autoria de Zoroaster (também chamado Zaratrusta), publicado na Alemanha entre finais do século XVII e princípio do século XVIII. O texto está escrito em alemão. O que torna este livro particularmente interessante são as suas ilustrações fabulosas do imaginário alquímico. Infelizmente, até agora, só se conhecem três cópias no mundo, e apenas duas são ilustradas. Existem poucas informações sobre os autores e as origens do manuscrito, porém as referências à *Rosae et Aurea Crucis* parecem indicar uma ligação à Ordem da Rosa Cruz de Ouro, uma organização secreta rosa-cruciana com uma hierarquia maçónica, nascida no século XVII, e que dava grande importância à Alquimia.

As origens mais antigas da Rosa Cruz poderão remontar à Idade Média, ou até mesmo ao Antigo Egipto, mas a sua origem oficial situa-se no século XV, em torno da figura lendária de Christian Rosenkreuz, nome provavelmente alegórico de um monge, nascido na Alemanha, algures entre 1371-1378. Rosenkreuz foi médico e um homem sábio que terá andado pelo Médio Oriente (Turquia, Síria, Marrocos), onde lhe foram dados a conhecer segredos e poções que, no seu regresso à Europa, o levaram a fundar a Fraternidade Rosa Cruz. Os membros originais da Fraternidade eram alquimistas, doutores e matemáticos, doze membros que seguiam o seu 13º, Christian Rosenkreuz.

Uma das missões dos primeiros Rosa-cruz era tratar pessoas doentes, utilizando os segredos, que só eles possuíam, razão pela qual tinham conhecimentos médicos muito avançados (tal como Salvini demonstrava ter nas suas *Lições de canto*). A partir do séc. XVII os Rosa-Cruz deram-se a conhecer ao mundo ocidental através da publicação dos manifestos *Fama Fraternitatis* e *Confessio Fraternitatis*, em 1614 e 1615, e ainda *As Bodas químicas de Christian Rosenkreuz* (1616), esta última da autoria de Johann Valentin Andrea. Durante o séc. XVIII a ordem e os ensinamentos Rosa-Cruz foram praticamente absorvidos pela Maçonaria, em particular pela franco-maçonaria, razão pela qual há muita simbologia comum entre as duas ordens. Só no séc. XIX (2ª metade) surgiram várias ordens de inspiração rosa-cruciana independentes da maçonaria.

A Rosa-Cruz é nos dias de hoje uma organização oculta e iniciática. Tem por base uma espécie de Cristianismo místico, porém não se proclama como uma organização religiosa, mas sim como uma Escola de Pensamento, destinada a divulgar a admirável filosofia dos Rosa-Cruz.

No entanto, Salvini nunca se afirmou como rosa-cruz, nem poderia fazê-lo, pois o primeiro voto do iniciado é o do silêncio. Nenhum verdadeiro irmão se intitula, publicamente, “Rosa-cruz”. Os iniciados, e só eles, conhecem aqueles que, no passado, foram rosa-cruz, porque nas suas obras há sinais, palavras e frases indicadoras dessa ligação, embora estejam ocultas aos profanos. Uma das formas de comunicar essa filiação era através da Numerologia, utilizada com um significado místico.

Por exemplo, na já mencionada canção “Oh! Rosas purpurinas”, canção dedicada a Joana Lehmann Andressen, temos 42 compassos. A soma dá o nº 6, número de Afrodite e de Vénus, deusas do amor, e de facto a canção é um epitalâmio, isto é, um hino nupcial. Em “Queres a flor”, canção com poema de Camilo Castelo-Branco, mas cujo texto foi alterado por Salvini nalgumas passagens, encontramos várias leituras numerológicas possíveis, das quais destacamos algumas. Começamos pela presença do nº 4 da tonalidade (lá bemol maior), dos primeiros intervalos da melodia da voz (quartas perfeitas), e nas 4 flores que o sujeito poético entrega a alguém, sendo a última uma rosa. O nº 4 está associado aos 4 elementos, fogo, água, ar e terra, e julgamos possível poder associar estes mesmos elementos a cada uma das flores (a saber, *saudade*, *martírio*, *goivo* e a *rosa*) do poema de Camilo. E o nº 4 é também o número da cruz. Combinado com o nº 5, número de partes em que se divide a peça e a duração total em minutos da mesma, e sendo o 5 o número da rosa, a última das flores do poema, temos a combinação perfeita entre a rosa e a cruz.

Outra canção bastante “rosa-cruz” é a “Canção Cínica”. Começando pelo tema, é uma canção que usa a roda de fiar como metáfora para o sentido da vida. Não tem rosas, mas na alquimia, a rosa também pode ser representada por uma roda. O piano imita o movimento de uma roda de fiar (como em “Gretchen am Spinnrade” de Schubert). Mas a parte mais extraordinária desta peça está na introdução do piano, que expõe em 6 compassos 3 ciclos de 12 notas (Fig. 14).



Figura 14: Primeira página de “Canção Cínica”, *Cancioneiro musical português*, edição de 1884, David Corazzi (editada pela primeira vez em 1865). A vermelho, as sequências de 12 tons.

O nº 12 é associado na numerologia ao ciclo dos signos do Zodíaco, e este número é uma constante na peça, na medida em que, nas partes do tema-refrão as frases apresentam uma divisão de 2 em 2 compassos, sempre com 12 notas no baixo do piano. Talvez este percurso pelo número zodiacal fosse uma tentativa de ilustrar a roda de fiar, no seu sentido metafórico: o girar da vida (“gira gira, sem repouso”) em movimentos ascendentes e descendentes, em encadeamentos perfeitos e imperfeitos, mas que no fundo vão dar todos ao mesmo: “a morte só é constante”, mensagem final da canção.

Terminamos este texto com uma frase encontrada num papel solto de Salvini, que demonstra que, apesar de se sentir injustiçado em vida, ele acreditava que no futuro o seu trabalho seria finalmente reconhecido:

O tempo virá. O reconhecimento popular é como a flor do cacto. Primeiro cresce a planta revestida de espinhos, mas um dia, no meio das agudas defesas, desabrocha a púrpura flor de mil pétalas e anuncia o fruto saboroso. É certo que quase sempre a flor da justiça precisa, para desabrochar, da terra sepulcral do laureado. E tão melindrosa planta, leva tanto tempo a medrar!⁸⁹

Referências:

BULWER-LYTTON, Edward. **Zanoni**. Sintra: Zéfiro, 2009.

BIASI, Jean-Louis, **Luzes sobre a Iniciação**: Mistérios da Tradição Cabalística Rosa-Cruz. São Paulo: Madras Editora Lda. , 2012

CARVALHO, Delmar Domingos de. **Mozart, esse desconhecido**. Lisboa: Minerva, 2007

COSTA, A.M. Amorim da. **Alquimia**: um discurso religioso. Almeirim: Vega, 1999

GUIMARÃES, Bertino Daciano. **Bibliografia de Gustavo Romanoff Ruzitschka** (G. R. Salvini) (1825-1894), Lisboa: Serenata da Arte Musical, 30 de Agosto de 1933.

SALVINI, Gustavo Romanoff. **Cancioneiro Musical Português**. 2ª edição, Leipzig: Breitkopf & Härtel, 1884.

REBISSE, Christian. **Rosa + Cruz**: História e Mistérios. Curitiba: AMORC – Grande loja da Jurisdição Brasileira, 2ª edição, 2012.

SALVINI, G.R. **As minhas lições de canto** : notas ao "Vaccai" : para uso dos portugueses. Porto : Edição dos Herdeiros do autor, 1931.

VALENTE, Tânia. **A Língua Portuguesa no Canto Lírico**: contexto histórico e relações entre técnica e fonética. USA: Creatspace Independent Publishing Platform, 2017.

Parnasianismo Musical: relações entre texto e música na canção *As Estrelas*, de Lorenzo Fernández, sobre poesia de Olavo Bilac

Veruschka Mainhard

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Conhecido como “o príncipe dos poetas”, Olavo Bilac (1865-1918) firmou-se no cenário literário brasileiro como um dos maiores expoentes do Parnasianismo. Contemporâneo a Bilac, o compositor Oscar Lorenzo Fernández (1897–1948) musicou

⁸⁹ Espólio familiar.